



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

LAIARA LIMA DE CARVALHO

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA (TEA): O QUE DIZEM ALGUMAS PESQUISAS?**

MARABÁ-PA

2023

LAIARA LIMA DE CARVALHO

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA (TEA): O QUE DIZEM ALGUMAS PESQUISAS?**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como exigência parcial para obtenção do título de pedagoga com diploma de graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Ciências da Educação (FACED), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Campus de Marabá.
Orientador: Profº Dr. Walber Christiano Lima da Costa.

MARABÁ-PA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares

C331p Carvalho, Laiara Lima de
Práticas pedagógicas para estudantes com transtorno do espectro autista (TEA): o que dizem algumas pesquisas? / Laiara Lima de Carvalho. — 2023. 61 f.

Orientador (a): Walber Christiano Lima da Costa.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Marabá, 2023.

1. Educação inclusiva. 2. Autismo. 3. Inclusão escolar. 4. Prática de ensino. 5. Transtornos do espectro autista. 6. Transtornos do espectro autista em crianças – Educação. I. Costa, Walber Christiano Lima da, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 371.9046

Elaborado por Miriam Alves de Oliveira – CRB2/583

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos dois dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e três, às nove horas, na sala 03 da Unidade I da Unifesspa, realizou-se a defesa de TCC do (a) discente **LAIARA LIMA DE CARVALHO**, vinculado (a) ao curso de **PEDAGOGIA**, sob o nº de matrícula **201940207015**, intitulado **"PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): O QUE DIZEM ALGUMAS PESQUISAS?"** para obtenção de conceito na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso. Depois de declarada aberta a sessão, o (a) senhor (a) presidente deu a palavra ao (à) aluno (a) e em seguida aos examinadores para as devidas arguições, que se desenvolveram nos termos regimentais. Em seguida, a comissão examinadora, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento, decidindo atribuir ao trabalho o conceito **EXCELENTE**. À vista deste resultado, foi considerado (a) **APROVADA** na disciplina de TCC.

Observações da Banca Examinadora:

A estudante deve se atentar para as recomendações da banca examinadora. E ao final dos ajustes, realizar Revisão em Língua Portuguesa por profissional da área.

Para constar, foi lavrada a presente ata que segue assinada pelos (as) senhores (as) membros da comissão examinadora:

Marabá-PA, 02 de junho de 2023.



PROF. DR. **WALBER CHRISTIANO LIMA DA COSTA** - (Orientador)



PROF. DR. **DAVISON HUGO ROCHA ALVES** - (Membro Interno)



PROF. DR. **TIESE RODRIGUES TEIXEIRA JÚNIOR** - (Membro Interno)



PROF. ME. **YAGO MELO DE LIMA** - (Membro Interno)

Dedico este trabalho à minha vó, Maria Luiza Carvalho, por ter sido minha mãe, avó, amiga e ter se transformado na pessoa mais importante da minha vida. Dedico a ela, por sempre ter se levantado em meio a dor, sempre crê que virá um dia melhor e não se deixa abater diante dos problemas, meu exemplo na vida.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo quero agradecer a Deus, pois, foi ele que me guiou durante toda a minha vida e eu jamais teria chegado até aqui sem o amor dele, que me sustentou e me mostrou o caminho a percorrer.

Um agradecimento todo especial vai para a minha avó, porque eu jamais seria capaz de merecer todo o amor que ela tem por mim, por ter me criado tão bem quanto criou, ter sido pai, mãe, avó, amiga, enfim, tudo na minha vida. Sei que sou quem eu sou e cheguei onde cheguei graças a ela, cada dia que passei nesta faculdade ela me deu todo o apoio e auxílio necessário. Ela é o tipo de pessoa que dorme as 21h da noite, mas sempre me esperou acordada com toda a preocupação eu voltar da faculdade mesmo muitas vezes chegando quase meia noite, agradeço por cada demonstração de amor que vem através desses pequenos atos que ficam no meu coração e eu não posso deixar de reconhecer. Sou totalmente grata a ela, eu nunca poderia escrever em palavras toda minha gratidão, esse TCC é a nossa vitória, chegamos aqui juntas.

À minha família, meus tios, minhas tias, meus primos, minha mãe, pai e todos aqueles que não consegui citar, sou grata a cada um por terem vibrado comigo quando passei na faculdade, me acompanhando durante toda essa minha jornada, me ajudando em tudo que podiam, sou muito feliz por ter cada um na minha vida, que contribuíram de forma significativa para minha formação não só acadêmica mas como ser humano, no meu caráter e respeito às pessoas. Sou feliz por ter cada um de vocês na minha vida, vibrando por cada conquista minha, me ajudando chegar onde quero chegar, sonhando comigo os meus sonhos, sou totalmente grata a cada um e torço igualmente por cada conquista na vida de vocês.

Não poderia deixar de citar meus professores, que foram muito significativos na minha formação, ao longo desses anos entendemos como é importante a figura do professor na vida do estudante, através de cada aula ministrada conseguimos mergulhar dentro dos assuntos e entendê-los, sou grata a cada professor da faculdade de Ciências da Educação pela dedicação à nós discentes, por cada conselho, cada ensinamento e por toda a ajuda ao longo da nossa vida acadêmica, como discentes por vezes não entendemos as decisões dos professores, a finalidade de alguns trabalhos, nos questionamos, mas com o passar do tempo percebemos que cada

tarefa dada pelos professores contribuiu fortemente para a nossa formação e para nos tornarmos professores melhores para os nossos futuros educandos.

Em especial, quero agradecer ao meu orientador, professor Dr. Walber Christiano Lima da Costa, agradeço por cada conselho, por ter me auxiliado em tudo que eu precisava, obrigada por ter me ajudado em coisas que não eram sua obrigação. Sou grata por ter traçado junto comigo os objetivos que queria alcançar com este trabalho, nos meus momentos de desespero quando pensei que iria perder oportunidades que eram importantes para mim você me ajudou a colocar os pés no chão e ver que era possível alcançar tudo que eu queria. Agradeço por cada puxão de orelha durante esse percurso, pois hoje sei que foram importantes na minha jornada. Muito obrigada!

Gostaria de agradecer as minhas amigas de graduação: Karolayne Vitória, Sônia Santana, Franciely Sousa, Gláucia Nogueira e Elizane Caires, sou grata a cada uma de vocês por terem sido comigo ao longo desta jornada, lembro da promessa que fizemos no início do curso onde dizíamos que iríamos nos formar juntas, nenhuma iria desistir e aqui estamos nós hoje, (quase) formadas. Vocês foram presentes que ganhei nesta faculdade, sou grata por cada lágrima minha que vocês enxugaram (foram muitas porque sou chorona), agradeço por cada conselho, por cada palavra de ânimo nos momentos de tristeza. Amo vocês. Obrigada por tudo, meninas.

Agradeço também as minhas amigas Antônia e Maria Antônia, que foram muito importantes na minha vida em geral e também na vida acadêmica, vocês foram e são incríveis, agradeço pelos conselhos, por cada palavra amiga, fazem jus a palavra da bíblia que diz “Em todo tempo ama o amigo e na angústia se faz o irmão”, amo vocês. Muito obrigada!

Por fim, agradeço de todo o coração os que aqui foram citados. Todos os que contribuíram de alguma forma com o meu progresso como estudante e como pessoa, grata aos que me ajudaram e porventura eu não tenha citado aqui. Toda a minha gratidão a cada um.

“Nossa luta de hoje não significa que necessariamente conquistaremos mudanças, mas sem que haja essa luta, hoje, talvez as gerações futuras tenham de lutar muito mais. A história não termina em nós: ela segue adiante”

(FREIRE, 2001, p. 40)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar práticas de ensino que podem auxiliar na escolarização de estudantes com TEA na rede de educação básica. O TEA é uma temática que tem sido muito discutida nos meios científicos, dada sua grande ocorrência nas escolas quanto também devido a novas pesquisas no campo da área médica. Será apresentado neste estudo ainda a importância do professor que busca conhecer as especificidades do estudante com autismo, para que através do conhecimento que ele tem do mesmo possa buscar as melhores formas de promover a inclusão dele com ao demais colegas em sala de aula. Para esse recorte teórico, será exposto discussões de Barberini (2016); Nunes, Azevedo e Schmidt (2013) e Martins (2007), entre outros referenciais teóricos. Para a abordagem qualitativa, verificou-se que esses autores aqui citados trouxeram uma relevante contribuição para esse assunto e foram de importância considerável para a produção deste presente trabalho. Através do estudo desses materiais expostos foi possível perceber o quanto o Brasil ainda carece de uma evolução no que se refere a educação de crianças com TEA, de uma formação de professores que seja significativa para que possa contribuir com o desenvolvimento desses estudantes e não somente uma formação, mas também todo o recurso que se torna imprescindível no processo de escolarização do estudante.

Palavras-chave: Autismo, Práticas pedagógicas, Inclusão escolar.

ABSTRACT

This work aims to present teaching practices that can help in the schooling of students with ASD in the basic education network. ASD is a topic that has been much discussed in scientific circles, given its wide occurrence in schools and also due to new research in the medical field. This study will also present the importance of the teacher who seeks to know the specificities of the student with autism, so that through the knowledge he has about it, he can seek the best ways to promote his inclusion with other colleagues in the classroom. For this theoretical approach, discussions by Barberini (2016); Nunes, Azevedo and Schmidt (2013) and Martins (2007), among other theoretical references. For the qualitative approach, it was verified that these authors cited here brought a relevant contribution to this subject and were of considerable importance for the production of this present work. Through the study of these exposed materials, it was possible to perceive how much Brazil still needs to evolve in terms of the education of children with ASD, of teacher training that is significant so that it can contribute to the development of these students and not just a training, but also every resource that becomes essential in the student's schooling process.

Keywords: Autism, Pedagogical practices, School inclusion.

LISTA DE SIGLAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CIEE - Centro de Integração Empresa e Escola

CONEDU - Congresso Nacional de Educação

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

NEI - Núcleo de Educação Infantil

PNEEPEI - Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva

SISU - Sistemas de Inscrições Unificadas

SEMED - Secretaria Municipal de Educação

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TEA - Transtorno do Espectro Autista

UNIFESSPA - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
CAPÍTULO II – PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	32
CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
ANEXOS.....	48
APÊNDICES.....	50

APRESENTAÇÃO

Eu, Laiara Lima de Carvalho, nasci na cidade de São Geraldo do Araguaia, no Pará, aos 6 anos de idade vim à Marabá, onde passei a morar desde então. Ao longo desta apresentação narrarei toda a minha trajetória dentro da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará e o que me levou a escolher tal tema para o trabalho de conclusão de curso.

Minha caminhada na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) inicia em 2019, neste ano eu estava com um grande questionamento em relação ao curso que escolheria, eu queria muitas coisas e ao mesmo tempo não tinha certeza de nada, questionei-me em relação a outras licenciaturas, como História e Letras, a disciplina de História estudada ao longo da minha vida no ensino regular sempre foi uma das minhas preferidas, mas eu tinha dúvidas se realmente devia cursar esta licenciatura.

Lembro que quando abriu as inscrições do Sistemas de Inscrições Unificadas (SISU) eu não me inscrevi nos primeiros dias, pois ainda me restava dúvidas em relação ao curso e por incrível que pareça pedagogia não passava pela minha cabeça, nunca tinha sido uma opção, sempre foi um curso que descartei de pronto quando o assunto era a faculdade, contudo, quando estava nesses últimos dias de inscrições do Sistemas de Inscrições Unificadas (SISU) comecei a colocar pedagogia como uma opção e pensar que talvez devesse realmente fazer. Com o passar dos dias algumas coisas aconteceram e me deram a confirmação de que este era o curso que eu devia fazer, o que foi uma surpresa para todos a minha volta, uma vez que nunca tinha sequer citado o curso e mudei de ideia repentinamente. Uma tia chegou a questionar “minha filha, tem certeza que você quer isso?” lembro que na época eu estava cheia de dúvidas e não respondi com uma certeza, foi uma resposta duvidosa, porém hoje mais de 4 anos depois posso responder: “sim, eu quero isso”.

Fiz minha inscrição no Sistemas de Inscrições Unificadas (SISU) no último dia do prazo, eu não tinha notebook, entretanto, uma amiga me emprestou o dela, porque pelo aparelho celular eu não estava conseguindo me inscrever, concluí a inscrição nas últimas horas do dia, cheia de dúvidas e incertezas em relação ao futuro. Mas, em alguns dias tive a confirmação, passei para o curso de pedagogia.

Em março de 2019, aos 19 anos, tive a primeira aula do curso e sinceramente, esse ingresso e o primeiro ano na faculdade foi mágico, estar entrando num mundo totalmente novo é empolgante e ao mesmo tempo assustador, ter a percepção que dali em diante é você tomando as rédeas da própria vida.

Ao longo das aulas fui me entendendo enquanto pessoa e estudante, eu amava as aulas, esse primeiro semestre na faculdade foi um dos que eu mais gostei ao longo da graduação. No segundo semestre da Faculdade alguns colegas iniciaram estágios remunerados junto ao Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) e me incentivaram a tentar uma vaga também. Eu estava em dúvida, mas decidi tentar. No estágio em questão os universitários ficavam incumbidos de fazer um acompanhamento escolar de um estudante com deficiência de uma determinada escola.

Tentei e consegui uma vaga. Fiquei acompanhando um discente que possui diagnóstico de autismo em um Núcleo de Educação Infantil (NEI) localizado na Folha 33 na cidade de Marabá, foi uma das minhas primeiras experiências com a prática e fui com muito receio, mas era a mesma escola que minhas amigas estavam fazendo estágio e isso me deu um conforto. Os dias que passei nesta escola foram maravilhosos, a diretora sempre tratou todos os estagiários com muita atenção e afeto.

Foi nesse estágio que tive o meu primeiro contato com um estudante diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), até então só conhecia o autismo pelo que via falar na televisão e nas redes sociais. Ao longo dos dias fui me habituando na escola, aos professores e ao estudante que acompanhava era autista e necessitava de um nível de suporte considerado leve.

Fiquei neste estágio no período de setembro de 2019 a janeiro de 2020, foi um período que jamais esquecerei, tenho um carinho enorme por esta escola, pela diretora que sempre tratou todos os estagiários com muito amor, pela criança que eu acompanhava e pela professora. Foi um período de grande aprendizado ao longo desse curto espaço de tempo.

Ao longo deste tempo que fui estagiária pelo Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) fiz diversas formações. Nas formações os estagiários se deslocavam para a Secretaria Municipal de educação (SEMED) em Marabá e eram separados de acordo com a deficiência ou transtorno do estudante que acompanhavam. Eu acompanhava uma criança com autismo e ia para a sala onde havia uma professora

especializada neste transtorno, que passava para nós, estagiários, informações acerca do autismo. Foi ali que tive grande aprendizado sobre o autismo, me marcou muito todas as formações que fui, sempre que aconteciam eu fazia questão de participar, gostava muito de ouvir a professora explicar sobre o autismo, nos ensinava como ter a percepção das características do estudante autista e como usar informações para ajudar os estudantes em sala de aula, a forma como podia desenvolver atividades com a criança a partir das características dela, como auxiliar a criança em sala de aula.

Aprendi muito nesses 4 meses passados nesta escola, aprendi acerca do contexto escolar, acerca da profissão do professor, entendi que é possível ter um contexto escolar harmonizado, todos os professores e funcionários se tratavam muito bem ali. Foi um período que jamais esquecerei.

Com a chegada de janeiro de 2020 o estudante o qual eu acompanhava mudou de cidade e com isso a diretora da escola me informou acerca de uma estudante da escola que estava quase recebendo o laudo de Transtorno do Espectro Autismo, me falou a respeito desta outra criança e se havia a possibilidade de eu passar a acompanhá-la esta estudante. Passei alguns dias de janeiro nesta escola, mas com este acontecimento decidi conversar com a diretora e informar minha ida ao Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) tentar conseguir uma vaga de estágio em uma escola próxima a minha casa, uma vez que o Núcleo de Educação Infantil (NEI) onde fazia este acompanhamento ao estudante ficava muito distante, eu precisava pegar ônibus todos os dias para ir e voltar, apesar de amar e ter um carinho enorme pela escola, a distância percorrida para ir e vir e a necessidade de pegar ônibus estava me desgastando muito, principalmente porque eu ia do estágio para a aula na faculdade sem passar em casa. Devido à distância e do horário, eu estava ficando exausta da rotina puxada.

Com isso, em janeiro de 2020 dei início como estagiária em uma Escola localizado no bairro independência em Marabá, ficava próximo a minha casa de forma que conseguia ir e vir a pé, acompanhava um estudante com autismo com um nível de suporte severo. Ao iniciar nesta escola com este novo estudante tive uma percepção do desafio que teria pela frente, em virtude de esta criança ser não-verbal e me senti totalmente despreparada para fazer seu acompanhamento.

Fiquei nesta escola até março de 2020, período de quase 3 meses difíceis para mim. Entendi ali os diferentes graus de autismo e que todo autista desenvolve

características próprias. O estudante autista acompanhado anteriormente era completamente diferente desse estudante que passei a acompanhar depois, ele não acompanhava a turma em relação aos assuntos passados pela docente da sala e eu era orientada pelo gestor da escola e pela professora da sala de aula a procurar atividades adaptadas para realizar com o estudante, passei a ter uma percepção de suas características e usar isso para as atividades passadas para ele, tive uma percepção maior acerca do educando em questão, ele tinha hiperfoco em aviões e usava isso a favor do aprendizado dele em sala de aula.

Em março de 2020 iniciou-se a pandemia da Covid-19 e as escolas ficariam sem aula pelo período de 15 dias, que precisou ser ampliado em razão da grande proliferação do vírus no país. Contudo, em setembro daquele ano meu contrato com o Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) terminou e eu teria que ir verificar a possibilidade de renová-lo para mais um ano.

Esta renovação de contrato aconteceu no ano de 2021, em agosto e passei a acompanhar outro discente com autismo em um Núcleo de Educação Infantil (NEI) localizado no bairro Laranjeiras em Marabá, o estudante em questão também possui autismo, com grau de suporte moderado. Nesta escola tive a confirmação de que queria fazer a monografia do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre o autismo. me encantei com a forma como a escola auxiliava os estudantes com deficiência, a parceria entre os professores e os profissionais da sala do Atendimento Escolar Especializado (AEE). Através do diálogo, esses profissionais trabalhavam buscando alternativas que visavam melhorar a condição de vida e aprendizagem do estudante autista, procurando ajudar para o desenvolvimento dele. Por isso, tomei a decisão de realizar este trabalho de conclusão de curso sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Todas essas experiências que a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) me levou a vivenciar foram uma importante contribuição na escolha deste tema, desenvolvi com estas experiências um olhar sensível para com este tema voltado à inclusão de alunos com autismo. Estas escolas por onde passei tiveram grande relevância no meu processo de aprendizado e nesta jornada para me tornar pedagoga.

Ao final destes quase 5 anos me vejo feliz por tudo que vivenciei dentro desta universidade, pelo contato com a prática docente, com o chão da escola, cada momento passado aqui foram de grande contribuição para a pessoa que sou hoje. As

aulas dos professores sempre foram muito relevantes para esta minha formação. Por fim, quando chegou o momento da escolha do tema de trabalho de conclusão de curso não tive dúvidas, seria algo relacionado ao autismo, relacionado ao que eu vivi ao longo desta graduação.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa apresentar práticas de ensino que podem auxiliar na escolarização de estudantes com TEA na rede de educação básica, pesquisar sobre a forma como eles vêm sendo tratados e atendidos em relação ao ensino nas escolas, como os professores se posicionam quando está em questão a escolarização desses discentes.

Sabemos que os autistas podem apresentar características diferentes se comparados com pessoas que não possuem este transtorno. Isso se deve ao fato de serem mais cautelosos em relação ao convívio social, possuem dificuldades em fazer amizades como os demais educandos das escolas, além disso os estudantes com TEA podem desenvolver características específicas para cada caso. Isso quer dizer que enquanto um autista tem a sensibilidade sensorial outros não possuem nenhuma sensibilidade ao toque, assim como alguns podem apresentar a ecolalia, ato de repetir as palavras ouvidas, outros podem não ter essa característica. Significa que cada caso de estudante com TEA é único, cada um tem suas próprias características.

Por isso, levando em conta essas características próprias de cada aluno é necessário que os docentes das escolas estejam preparados para receberem esse público e saibam a maneira adequada de auxiliá-los, de forma que este educando possa ter condições de desenvolvimento. Mas será que os professores hoje recebem a formação necessária? Será que se sentem preparados para com esses estudantes?

Mantoan (2003) traz em seu livro *Inclusão: o que é? Por quê? Como fazer?* um apanhado acerca do que seria a inclusão escolar e a forma como ela deve acontecer. Segundo ela, a inclusão de estudantes com deficiência nas salas de aula regulares tem causado uma crise de paradigma, essa crise causa a insegurança, medo e incertezas, mas ela é necessária para que aconteça a evolução da educação e da sociedade em que vivemos.

Para este trabalho foram utilizados os seguintes autores que trouxeram contribuições para o tema aqui estudado: Barberini (2016), Nunes, Azevedo e Schmidt (2013), Martins (2007), Tomazeli e Barbosa (2022), Brito (2015), Morais (2012), Schmidt et al (2016), Nunes, Azevedo e Schmidt (2013), Santos et al (2021), Mantoan (2003), Capellini, Shibukawa e Rinaldo (2016). Além desses autores, foram utilizados documentos oficiais que tratam acerca deste assunto, assim como alguns que se referem à educação brasileira.

Para este trabalho utilizou-se a seguinte problemática de pesquisa: *Em qual cenário da educação brasileira atual tem acontecido a escolarização de estudantes com TEA?*

O capítulo I será apresentado uma breve introdução acerca do Transtorno do Espectro Autista, sua descoberta e o contexto histórico desta descoberta, em seguida, será apresentado contribuições sobre o professor e a escola no contexto da vida escolar do estudante com TEA, será exposto as principais barreiras dentro das escolas que prejudicam o estudante.

No capítulo II será apresentado as técnicas de pesquisa utilizadas, modalidade da pesquisa, todos os procedimentos metodológicos utilizados.

No capítulo III será apresentado trabalhos de autores, pesquisas realizadas neste tema para contextualizar com o que outros teóricos já trataram acerca do tema, buscando trazer contribuições para entender qual o posicionamento dos professores em relação aos educandos TEA em sala de aula.

Os objetivos deste trabalho estão ligados aos estudantes com TEA, os docentes e as escolas. Assim, delimitou-se o seguinte objetivo geral: *Refletir sobre o efeito de práticas pedagógicas para estudantes com autismo no contexto de inclusão escolar.* Os objetivos específicos são: *a) Trazer consideração acerca da formação específicas para entendimento do autismo, b) Identificar a importância do docente que sabe as características e especificidades do estudante com TEA, c) Tratar acerca da adaptação do conteúdo escolar para o estudante TEA.*

A escolha deste tema se deu a partir do ingresso no curso, através de estágios remunerados e das vivências com estudantes com TEA. A partir destas experiências neste campo de conhecimento interessei-me em iniciar pesquisas que abrangessem essa área. Com as formações as quais participei enquanto estagiária foi possível notar a existência de metodologias, práticas de ensino que podem auxiliar no desenvolvimento desses estudantes com TEA. a partir deste ponto iniciou-se a busca pelos autores citados aqui com trabalhos na área e pudessem embasar esta pesquisa.

Portanto, para o aprofundamento neste trabalho será estudado o docente, que possui um papel importantíssimo no que se refere a educação dos estudantes, assim como o papel da escola neste contexto. Mantoan (2003, p.29-30):

Nós, professores, temos de retomar o poder da escola, que deve ser exercido pelas mãos dos que fazem, efetivamente, acontecer a educação. Temos de combater a descrença e o pessimismo dos acomodados e mostrar que a inclusão é uma grande oportunidade para que alunos, pais e educadores

demonstrem as suas competências, os seus poderes e as suas responsabilidades educacionais.

Portanto, este presente trabalho estudará as práticas pedagógicas para esses educandos com TEA nas escolas nas classes regulares de ensino, tratando acerca das práticas pedagógicas dos docentes e da escola no ato da estimulação da inclusão nas escolas brasileiras.

CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Breve Histórico do autismo

O autismo se caracteriza como um transtorno do neurodesenvolvimento e afeta grave e globalmente três características principais do ser humano, que são: a interação social, comunicação e o comportamento. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser diagnosticado antes mesmo dos três anos de idade, sendo percebido através da observação do comportamento da criança, tendo observado que a criança possui características que são semelhantes ao TEA é necessário passar por um profissional capacitado para que se receba o diagnóstico, em caso de confirmação do transtorno.

O TEA começou a ser investigado em 1943, porém, ainda não possuía o título de Distúrbios autísticos, que só veio a ser tratado dessa forma vários anos mais tarde. Um dos pioneiros estudiosos no que se refere ao estudo do autismo foi *Leo Kanner*, ele percebeu características peculiares em algumas crianças e isso o instigou para buscar entender tal fenômeno, contudo, o pontapé inicial para sua pesquisa foi receber a carta de um pai apresentando seu filho que possuía muitas diferenças comportamentais em relação as outras crianças, a partir de então ele passou a pesquisar as informações que se tinha naquela época acerca do autismo.

Kanner passou a investigar possíveis causas e curas para o autismo, passou a testar diversas possibilidades em relação as causas desse transtorno, uma delas que se fortaleceu por alguns anos foi a de que as crianças desenvolviam autismo devido ao comportamento de seus pais, as crianças com autismo tinham o hábito de se isolarem do mundo, não socializarem com adultos e com as demais crianças.

Kanner acabou deduzindo que o comportamento dessas crianças era influenciado pela forma como seus pais agiam, denominando esses pais como “pais geladeiras”, que não estabeleciam uma relação próxima com seus filhos e que isso afetava na forma como eles se aproximavam das pessoas em geral, tornando-se crianças isoladas e que não estabeleciam uma relação próxima com as pessoas ao seu redor.

Grandin (2015, p.15) trata sobre isso:

Contudo, em artigo posterior de 1949, Kanner mudou a atenção do biológico para o psicológico. O artigo tinha dez páginas e meia; Kanner gastou cinco

páginas e meia tratando do comportamento dos pais. Onze anos depois em entrevista à *Time*, ele afirmou que as crianças autistas em geral eram frutos de pais “que se descongelaram apenas o suficiente para gerar um filho”.

Porém, com o passar do tempo Kanner percebeu que estava equivocado em relação a isso, não é o comportamento dos pais que afetava a forma como a criança se comportava, o que tirou o peso da culpa dos pais e principalmente as mães na época. Ele entendeu que na verdade as crianças desenvolviam tais características por si mesmas. Grandin (2015, p.16) em seu livro *O cérebro autista*, reforça a tese de que os pais não influenciam esse comportamento dos autistas:

A criança não se comportava de modo psicologicamente isolado ou fisicamente destrutivo porque os pais eram emocionalmente distantes. Em vez disso, os pais é que eram emocionalmente distantes porque a criança se comportava de um modo psicologicamente isolado ou fisicamente destrutivo. Minha mãe é um desses casos. Ela escreveu que, quando eu não retribuía seus abraços, ela pensava: *Se a Temple não me quer, mantereí distância*. Porém o problema não era que eu não a quisesse. Era que a sobrecarga sensorial de um abraço fazia meu sistema nervoso pifar.

Esse pensamento de *Kanner* acabou ganhando força de *Bruno Bettelheim* que passou boa parte de sua vida pulicando obras em que reafirmava a teoria de *Kanner* das *mães geladeiras*. Porém, mais tarde essa teoria acabou sendo criticada por diversos estudiosos da época, como Richard Pollack e Clara Park, mas o primeiro a ganhar uma notoriedade foi *Bernard Rimland*. Ele notou que seu filho possuía muitas características de autismo e com seus estudos nas literaturas científicas percebeu que muitas pesquisas poderiam estar equivocadas em relação a teoria das mães geladeiras.

Rimland em seu livro: *“Infantile autismo”*, publicado em 1964, nega toda a teoria levantada por *Bettelheim* e *Kanner*. Este livro teve seu prefácio escrito por *Kanner* e desta forma ganhou ainda mais notoriedade a época. *Kanner*, em 1969, vem a público se desculpar com as mães afetadas por sua teoria.

1.2 A escola e o professor para o estudante TEA

O autista desenvolve características em relação ao comportamento, desenvolvimento cognitivo, motor e a interação social, por isso, recomenda-se a atenção à criança para que seja possível fazer um diagnóstico precoce e assim melhore as chances de um maior desenvolvimento da criança. Visto que, o autista na escola passa a ser instigado a conviver com seus colegas e deve receber um acompanhamento adequado por parte dos professores e da escola.

Segundo Tomazeli e Barbosa (2022, p.3), O ambiente escolar é o caminho inicial para a inclusão da criança autista. Partindo da integração na educação infantil, momento este que o estudante dará seus primeiros passos no desenvolvimento intelectual e afetivo socialmente, inserido em uma nova realidade, disposta por docentes, colegas, equipe escolar e multidisciplinar.

Entendemos a importância que a escola tem na vida do estudante em geral, mas principalmente para o estudante com autismo, uma vez que na escola ele iniciará sua jornada para o desenvolvimento e quanto antes for iniciada uma intervenção pedagógica mais cedo ele tem a possibilidade de viver adequadamente com a devida ação pedagógica, de forma que o transtorno não afete sua vida no futuro, seu progresso enquanto ser social.

Para Tomazeli e Barbosa (2022, p.3), cabe ao professor utilizar de metodologias pedagógicas adequadas para cada caso, bem como um olhar afetuoso, sendo uma ferramenta importante para o educador dispor de recursos necessários para possibilitar um melhor convívio em sala de aula e trabalhar as dificuldades trazidas pelas crianças acometidas pelo espectro.

O papel do professor é um papel de grande relevância na vida do estudante autista, através das práticas dele este se mostrará em desenvolvimento e terá uma maior possibilidade de avanço em relação ao transtorno, mas para isso é necessário que o docente receba uma formação adequada e tenha o embasamento necessário para lidar com o estudante com TEA.

Segundo Brito (2015, p.4), A escola, e em especial, o professor pode assumir um papel importante na vida das crianças autistas se informados corretamente. O currículo das escolas deve ser adaptado às necessidades das crianças e não o contrário. E para isso, é preciso proporcionar oportunidades curriculares que sejam apropriadas à criança com habilidades e interesses diferentes.

Portanto, para que o processo na vida do estudante avance de forma satisfatória é necessário que haja o diagnóstico o mais precocemente possível e o acesso à escola para que seja iniciado um acompanhamento especializado ao estudante com este transtorno. No que se refere à modalidade de educação especial a Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996, Art. 58.) dispõe:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, nos termos do **caput** deste artigo, tem início na educação infantil e estende-se ao longo da vida, observados o inciso III do art. 4º e o parágrafo único do art. 60 desta Lei.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva foi publicada no ano de 2008 e veio com o objetivo de constituir políticas públicas promotoras de uma educação de qualidade para todos os estudantes. Segundo o Ministério da Educação (BRASIL, 2008, p.14):

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas.

Portanto, ao longo de toda a educação básica existem documentos oficiais que definem como devem acontecer essa escolarização de estudantes com deficiência, isso levando em conta a deficiência de cada um para que este estudante não seja excluído do processo de ensino em virtude de sua deficiência. Trata ainda acerca da formação dos professores referente a educação especial (BRASIL, 2008, p.18-19):

Para atuar na educação especial, o professor deve ter como base da sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área. Essa formação possibilita a sua atuação no atendimento educacional especializado e deve aprofundar o caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas 18 comuns do ensino regular, nas salas de recursos, nos centros de atendimento educacional especializado, nos núcleos de acessibilidade das instituições de educação superior, nas classes hospitalares e nos ambientes domiciliares, para a oferta dos serviços e recursos de educação especial.

A Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, em seu artigo 2, inciso VII dispõe acerca das diretrizes desta lei: “VII - o incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis”

A lei também trata acerca do direito das pessoas com TEA à educação e ensino profissionalizante, também trata a respeito da punição para gestores que recusarem realizar matrículas de estudantes com TEA em uma multa de 3 a 20 salários-mínimos. (BRASIL, 2012).

A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) dispõe acerca da educação especial e faz um esclarecimento acerca de como deve ser a formação dos currículos nas escolas que precisam considerar as necessidades dos estudantes, entre eles os discentes que possuem alguma deficiência visando promover uma educação significativa, para que haja uma igualdade educacional entre os estudantes e que as características únicas de cada um sejam levadas em conta durante o processo de ensino e aprendizagem.

Nesse processo, a BNCC desempenha papel fundamental, pois explicita as aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver e expressa, portanto, a igualdade educacional sobre a qual as singularidades devem ser consideradas e atendidas. Essa igualdade deve valer também para as oportunidades de ingresso e permanência em uma escola de Educação Básica, sem o que o direito de aprender não se concretiza (BRASIL, 2017)

Portanto cada escola deve considerar as especificidades citadas acima para que dessa forma propiciem aos estudantes uma educação de qualidade.

Sendo assim, segundo legislação brasileira os estudantes com TEA devem ser matriculados em escolas da educação básica, ter acesso à educação e os docentes das escolas devem ter uma formação que contemplem estes estudantes, além do currículo que contemplem tais especificidades.

Mas há diversos desafios para a educação desses estudantes, a metodologia empregada a eles deve diferir daquela usada com os demais, uma vez que deve contemplar as suas particularidades. Segundo Tomazeli e Barbosa (2022, p.2), as crianças diagnosticadas ou sinalizadas com autismo, apresentam características e necessidades específicas, logo surge o papel dos professores de educação especial suprindo suas necessidades. Todavia, para isso é necessário estarem familiarizados com os sinais para detectarem um possível transtorno, estando atentos, para que possam ir de encontro as necessidades das crianças com TEA, intervir e atuar com presteza diante do transtorno.

Por isso, há a necessidade de que o autismo seja detectado na criança o mais rápido possível, para que o professor, a escola e os pais atuem em conjunto visando o desenvolvimento integral da criança com autismo. segundo Tomazeli e Barbosa (2022, p.2):

O autismo ou Transtorno do Espectro Autista (TEA) se define como um distúrbio em desenvolvimento. Apresenta-se como um espectro, visto que as características variam de um nível leve até o severo, comprometendo o desenvolvimento normal e pode ser notado antes da idade de 03 (três anos) afetando diretamente a interação social, a comunicação e o comportamento, resultando em limitações principalmente no ensino aprendizagem das crianças.

Segundo Brito (2015, p.3), nos aspectos educacionais percebe-se que para se educar um autista é preciso também promover sua integração social e, neste ponto, a escola é, sem dúvidas, o primeiro passo para que aconteça esta integração. É a partir da creche que se deve conduzir o desenvolvimento intelectual e afetivo da criança autista, por meio de uma interação entre os ambientes que ela faz parte, fazendo-a conhecer a realidade existente na sociedade e proporcionando um saber da humanidade e das relações que a cercam.

Portanto, nota-se a grande importância que a escola tem no processo de desenvolvimento de estudantes com TEA, segundo Morais (2012, p.57):

Uma vez que não existe cura para esta síndrome, é possível melhorar a qualidade de vida destas crianças e jovens, e isso não pode deixar de passar pelo desenvolvimento das suas competências e capacidades. Os profissionais que prestam serviço nas Unidades de Ensino Estruturado, trabalham no sentido de desenvolverem competências nestas crianças, corrigir comportamentos inadequados, oferecer-lhes rotinas securizantes e tranquilizantes, aumentar a sua autonomia, disponibilizar-lhes diferentes formas de compreender a vida e a integrarem-se melhor no mundo que os rodeia.

É muito importante que as crianças com síndrome autista possam beneficiar de uma intervenção adequada o mais precocemente possível. É no seguimento das exigências atrás descritas, que surge a necessidade de criar Unidades de Ensino Estruturado. Para que estes programas de intervenção tenham mais sucesso, é necessário o real envolvimento de todos os técnicos que trabalham com estas crianças e das suas famílias.

Acerca do desenvolvimento de autistas é importante que tanto a escola quanto a família tenham a compreensão de que nem todos os dias tudo vai dar certo. Além disso, os profissionais da escola necessitam observar os progressos que a criança vai conquistando do ponto de vista da própria criança. É preciso analisar o processo desde seu ingresso na escola, como a criança se portava e o que passou a ser capaz de realizar (BRITO, 2015, p.5). Portanto, a educação do estudante com TEA se desenvolve ao longo do tempo.

A falta de uma formação adequada de professores para que eles saibam lidar com esses estudantes pode afetar e contribuir para que o estudante tenha dificuldades em seu processo de desenvolvimento ao longo de sua via escolar. É necessário esse embasamento para que o professor tenha o conhecimento necessário de todo o recurso didático que pode utilizar com os estudantes e que saiba identificar as especificidades de cada estudante e como aplicar atividades que leve em consideração essas características. Segundo Barberini (2016, p.3)

Tendo em vista a dificuldade e a preocupação dos profissionais da educação para atender alunos diagnosticados com autismo em suas salas de aula, no ensino regular, visto que, as escolas não têm recursos para tal e que os professores não possuem formação adequada para atender a esses alunos, questiona-se a existência de práticas pedagógicas diferenciadas que estão sendo desenvolvidas por professores do ensino regular para escolarizar alunos diagnosticados com autismo em suas salas de aula.

Segundo Barberini (2016 apud Briant e Oliver, 2012, p.5)

As atividades diferenciadas para alunos com autismo “quebram” com o conceito de inclusão, mas se o aluno não acompanha a turma, não consegue realizar as mesmas atividades que os demais colegas, elas são necessárias. Utilizar estratégias pedagógicas diferenciadas é, sem dúvida, uma vertente para igualar as oportunidades, mas para que os docentes as utilizem, é necessário que reconheçam seus alunos como sujeitos capazes de aprender, para que assim, possam favorecer a construção de uma educação de qualidade para todos.

Então, existem casos em que há a necessidade de se ter uma prática pedagógica específica para o estudante com TEA, uma vez que, ele possui

características próprias que devem ser levadas em conta no momento das atividades pedagógicas. Esse acompanhamento específico para o autista aliado a recursos como, música, livro, celular, computador etc. pode ajudar significativamente no seu processo educativo.

No que se refere às dificuldades enfrentadas pelos professores na escolarização de estudante com TEA, uma das mais citadas é a falta de formação que compreenda os estudantes com deficiência, que os docentes sejam orientados com o devido conhecimento acerca da forma certa de pensar as práticas pedagógicas para educandos com autismo. Através de uma pesquisa Martins, (2007) traz dados acerca dos principais fatores que atrapalham no ensino de estudantes com TEA, sendo os principais deles: a falta de formação/ falta de formação específica, falta de apoio da família, escassez de recursos profissionais e materiais e a falta de professor auxiliar. Porém, o fator mais contribuinte para a dificuldade na educação de autistas é a falta de formação específica. Segundo Martins (2007, p.125):

Como podemos observar, são muitos os fatores que dificultam a inclusão escolar de autistas no ensino regular, mas os resultados deixam evidentes que os mais significativos, para os participantes dos dois grupos deste estudo, são a falta de informação/formação continuada específica relacionada ao despreparo profissional para lidar com essa situação.

Cabe ressaltar que em nossa pesquisa a informação/formação específica do professor também foi o principal fator ressaltado como facilitador do processo de inclusão.

Portanto, fica evidente que para uma melhor prática pedagógica é necessário um professor com todo o conhecimento e informação, formação específica relacionada, à inclusão para que possa ser um docente que contribui significativamente a vida do estudante.

Para Schmidt et al (2016, p.231):

Nesse sentido, o sentimento de impotência, frustração e desamparo dos professores, associado ao medo de lidar com determinados comportamentos do aluno parece indicar um descrédito em suas próprias capacidades para adotar práticas educacionais eficazes.

Percebe-se que um dos fatores que influenciam nas dificuldades de desenvolvimento do estudante com TEA é a falta de parceria entre os pais e a escola. Os pais frequentemente se mostram desinteressados em relação desenvolvimento do

filho, não se empenham em manter uma colaboração com a escola em favor do autista. Isso, sem dúvidas, é um fator que acarreta o atraso do desenvolvimento do estudante com autismo.

Outra relação de parceria que precisa acontecer é a do mediador com o professor da sala de aula na rede regular de ensino, esta parceria representa muito no desenvolvimento do estudante, porque quando há um diálogo entre esses profissionais o principal beneficiado é o estudante, ambos devem colaborar, pensando juntos na melhor forma de ajudar no desenvolvimento do estudante, as atividades que podem contribuir melhor para a evolução dele, atividades que podem ser realizadas em grupo e individualmente, isso considerando o nível do espectro do estudante e suas características. Segundo Nunes, Azevedo e Schmidt (2013, p.561, apud Giardinetto, 2009):

ênfatisa a importância de um modelo colaborativo de trabalho, operacionalizado por agentes da escola comum e especial. Em sua pesquisa, descreve os resultados promissores de quatro alunos com autismo que frequentavam, simultaneamente, a escola regular e especial. Neste trabalho, a autora ressalta a importância do professor auxiliar como mediador no processo de inclusão na educação infantil e fundamental. Constata, ainda, que em séries mais avançadas, a demanda por orientações de profissionais especialistas tende a ser maior do que na educação infantil.

Uma prática que pode influenciar de forma negativa na maneira como o professor auxilia o estudante com autismo é quando ele leva para a sala de aula todas as suas concepções de tudo que o estudante pode ou não realizar, pode ou não alcançar, quando o professor não abre a sua mente e não mantém esperança no crescimento cognitivo dele. O estudante é subestimado, o docente acaba criando uma barreira que impede a evolução.

Concluimos que para o ensino desse estudante com TEA ser de qualidade e significativo é necessário que haja um comprometimento por parte dos profissionais pedagógicos, tanto da sala do AEE quanto da sala de ensino regular, promovendo atividades significativas para o desenvolvimento desses estudantes. Atividades essas que devem considerar as suas características particulares, mas para que isso ocorra é necessário que os professores recebam a formação necessária e que eles tenham todo o embasamento teórico e prático para que possam utilizar no cotidiano escolar com o estudante.

É possível notar que se faz necessária uma observação nas características dos estudantes com TEA para que se possa com isso definir o tipo de prática de ensino que será desenvolvida com ele. Por exemplo, na pesquisa a maioria das professoras fazem atividades individuais e em grupo. São necessárias as atividades individuais, pois, é através delas que o professor pode entender o nível de escolarização do estudante, as características dele e perceber os pontos fortes, fracos e tenha a percepção do tipo de prática pedagógica que pode facilitar o desenvolvimento cognitivo e motor desse estudante. Segundo Schmidt et al (2016, p.228):

Dentre essas práticas, a mais frequentemente relatada (18,9%) foi aquela em que o professor planeja a atividade de acordo com seu conhecimento prévio sobre as características, gostos ou preferências do aluno. Uma das falas que sintetizam essa perspectiva é, “ele gosta de robôs, eu separei uma série de robôs, recortei tudinho. Nossa! Ele amou aquilo tudo!”

É necessário que o professor seja paciente e tenha a percepção de que nada acontece repentinamente, é preciso um certo tempo para a percepção de uma mudança mais clara no desenvolvimento do estudante, e o docente saiba algumas práticas para o auxiliar com o autista em sala de aula, como sempre repetir comandos, uma vez que o estudante pode ter dificuldades em entender tudo de primeira, estabelecer uma rotina diária, falar olhando nos olhos da criança autista ainda que não haja uma retribuição desse olhar. São alguns pequenos passos realizados com frequência influenciam positivamente no desenvolvimento do estudante.

As crianças diagnosticadas com autismo passam por uma série de desafios ao longo da vida, sendo o principal deles a falta de interação social com as pessoas a sua volta. Na escola isso não é diferente e o professor se vê diante de um dilema, uma vez que não possui toda a formação adequada e não sabe como lidar com o estudante autista.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996):

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:
III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

Portanto, ressalta-se mais uma vez a importância de um educador com formação necessária para atuar em conjunto com a escola e os pais em prol da criança com autismo.

O decreto nº 6.571 de 17 de setembro de 2008, dispõe acerca do Atendimento Escolar Especializado, o público-alvo deste atendimento são os estudantes que possuem deficiência, entre eles os que possuem autismo, este atendimento vem para complementar/complementar o ensino regular e acontece no contraturno do estudante, não substitui a classe comum. A resolução nº 4/2009 traz as atribuições do Professor do AEE (Atendimento Escolar Especializado), que são:

- I – identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos público-alvo da Educação Especial;
- II – elaborar e executar plano de Atendimento Educacional Especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade;
- III – organizar o tipo e o número de atendimentos aos alunos na sala de recursos multifuncionais;
- IV – acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade na sala de aula comum do ensino regular, bem como em outros ambientes da escola;
- V – estabelecer parcerias com as áreas intersetoriais na elaboração de estratégias e na disponibilização de recursos de acessibilidade;
- VI – orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno;
- VII – ensinar e usar a tecnologia assistiva de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia e participação;
- VIII – estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares.

Então, o AEE tem por objetivo auxiliar o estudante com deficiência em seu desenvolvimento através da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade

O docente precisa saber que o progresso do estudante com TEA acontece aos poucos, é necessário manter-se realizando tais atividades e práticas pedagógicas para que aos poucos o estudante se desenvolva e tenha mais autonomia para viver em sociedade.

O docente tem um dos principais papéis na vida do educando autista, uma vez que é através da forma como este trabalho que o estudante autista vai se desenvolvendo e melhorando, sem deixar que a falta de uma educação de qualidade o impeça de progredir, por isso, se faz necessário um professor devidamente ciente

do que se trata o autismo, que seja seguro em relação a maneira correta de auxiliar o estudante TEA.

CAPÍTULO II: PERCURSOS METODOLÓGICOS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como motivação inicial experiências vivenciadas durante um estágio remunerado ao longo do curso de Graduação em Pedagogia. Um recorte deste TCC foi publicado em forma de artigo pela presente autora no Congresso Nacional de Educação (CONEDU), aceito no dia 22 de fevereiro de 2023 na categoria comunicação oral, no grupo de trabalho 10, que se refere à educação especial. A edição do CONEDU deste ano, 2023, acontece em João Pessoa, no período de 12 a 14 de outubro.

A pesquisa em questão se dá de forma qualitativa através da modalidade de pesquisa intitulada por pesquisa bibliográfica que segundo Severino (2014, p.107):

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Este estudo buscou compreender a forma como o estudante com autismo tem sido recebido nas escolas públicas e se há um acompanhamento de professores adequados para o educando. Através desses dados foi possível fazer um levantamento em relação à importância de um professor que sabe identificar as características de seu estudante, a forma como pode contribuir significativamente no crescimento cognitivo dele e de acompanhamento escolar especializado para aquele estudante.

Para esse estudo foram utilizados os seguintes referenciais teóricos: Silva et al (2021); Capellini, Shibukawa e Rinaldo (2016); Aporta e Lacerda (2018); Figueiredo, Costa e Dias (2018); Tais autores e trabalhos foram de fundamental importância para a produção e enriquecimento do capítulo III deste trabalho.

Esse material foi escolhido em virtude de suas contribuições no que se refere as práticas pedagógicas no contexto dos estudantes com TEA, cada pesquisa foi realizada em localidades diferentes dentro do Brasil, mas há um fator que os une: todos trazem exemplos de práticas pedagógicas que podem ser adotadas por professores para a garantia de uma educação de qualidade para os educandos que possuem o transtorno do espectro autista.

Esses materiais foram encontrados por meio do google acadêmico, através da pesquisa por palavras chaves, como: *Práticas Pedagógicas e Autismo*, a seleção se deu por meio da verificação dos trabalhos mais relevantes e mais citados dentre os resultados, como também da leitura do resumo desses artigos para conferir se estava, de acordo com os objetivos deste trabalho.

Por fim, após a seleção do material que seria utilizado iniciou-se o processo análise dos dados desses materiais e das discussões trazidas por meio deles no capítulo a seguir.

CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Segue abaixo uma tabela produzida com objetivo de padronizar os dados aqui estudados, os autores e os temas que são tratados utilizando trabalhos de cada um deles.

ELEMENTOS DE DISCUSSÃO
SILVA et al, 2021.
Percepção dos professores sobre a inserção de educandos com necessidades educacionais específicas em sala de aula regular
Recursos utilizados nas aulas pelos docentes para auxiliar o aprendizado do estudante com TEA.
Planejamento das aulas em turmas de alunos com TEA.
Adaptação de conteúdo escolar para os alunos com TEA
Instrumentos usados para avaliar a aprendizagem do estudante com TEA.
CAPELLINI, SHIBUKAWA e RINALDO,2016.
Percepção sobre a prática docente com estudante TEA
Adaptação de conteúdo escolar
Alfabetização e letramento
FIGUEIREDO, COSTA E DIAS,2018.
Estratégias para auxiliar os docentes com alunos TEA
APORTA E LACERDA, 2018.
Desenho universal da aprendizagem

Fonte: Elaborado pela autora.

O artigo que será tratado aqui neste trabalho será o artigo intitulado por *Autismo: práticas educativas no ensino regular em uma escola de Caxias, Maranhão, Brasil*, de Silva et al (2021). Elas realizaram uma pesquisa através de entrevistas com professores que possuíam estudantes com TEA em suas salas da rede regular de ensino no ensino fundamental I e tem como objetivo conhecer e compreender a forma como os estudantes autistas estão inseridos nas escolas.

O estudo foi realizado em uma escola fundamental na cidade de Caxias no Maranhão e buscou compreender acerca das práticas educativas utilizadas para o ensino do estudante com autismo. Foi utilizado a abordagem qualitativa para a

pesquisa. Segundo os dados, a cidade em questão possuía na época 27. 343 matriculados no ensino fundamental e desses 3.027 são referentes estudantes que possuem deficiência. (Santos et al. 2021, p.3)

O questionário contendo perguntas abertas e fechadas buscou entender as práticas dos professores em relação a inclusão de estudantes com autismo em sala de aula no ensino regular. Isso aconteceu por meio de 5 perguntas que se referem ao tema citado. A primeira dela questiona a percepção dos professores sobre a inserção de estudantes com necessidades educacionais específicas, em especial ao autismo, em sala de aula regular, segue abaixo as respostas colhidas de três professores de uma escola de ensino fundamental:

P1: Acho que aqueles que tem o grau mais severo não deveria ficar em sala de aula;

P2: Acho que foi uma iniciativa muito válida devido a integração com os ditos normais;

P3: Para mim não basta a inserção do aluno com necessidades na sala de aula. O professor deveria está preparado para trabalhar com este aluno. (Santos, Silva, Conceição e Soares, 2021, p.4)

Através destas respostas conseguimos perceber que ainda há alguns questionamentos acerca da inclusão desses discentes nas salas de aulas de aula e a falta de preparo dos professores para o trabalho para com esses estudantes. Conseguimos notar que falta um direcionamento para os professores no que se refere a educação de educandos autistas.

A resposta de reflete não apenas uma falta de formação para trabalhar com a criança que possui TEA, mas nos mostra também um preconceito por parte da professora para com o aluno TEA, preconceito com o novo, com aquilo que ainda não conhece, a fala em questão nos mostra que a atitude da professora em relação ao aluno seria de exclusão, de afastá-lo do ambiente de sala de aula regular.

Segundo Mantoan (2003, p.20):

Por tudo isso, a inclusão é produto de uma educação plural, democrática e transgressora. Ela provoca uma crise escolar, ou melhor, uma crise de identidade institucional, que, por sua vez, abala a identidade dos professores e faz com que seja ressignificada a identidade do aluno. O aluno da escola inclusiva é outro sujeito, que não tem uma identidade fixada em modelos ideais, permanentes, essenciais.

Quando as autoras questionaram em relação aos recursos utilizados nas aulas para o aprendizado do estudante com TEA os professores responderam:

P1: Quem trabalha com os recursos com esse aluno é na sala de AEE.

P2: Material humano; Imagens e material concreto;

P3: O aluno com autismo necessita de recursos visuais; figuras, fotos, ilustrações. As atividades necessitam ter um mínimo de palavras e mais imagens. (SANTOS, SILVA, CONCEIÇÃO E SOARES, 2021, p.5)

Trazem ainda uma dicotomia que existe da real função que o profissional do AEE:

Percebe-se, ainda, a existência de professores que pensam que apenas o Atendimento Educacional Especializado (AEE) são responsáveis por elaborar, adaptar e buscar meios para que o aluno autista desenvolva suas potencialidades e habilidades, porém esse papel é do professor da sala regular. (SANTOS, SILVA, CONCEIÇÃO E SOARES, 2021, p.5)

No entanto, segundo a lei, esse papel não é unicamente do professor da sala do AEE, uma vez que, o AEE tem por objetivo complementar e ou suplementar do ensino na sala de aula regular e não substitui o trabalho do docente. Conforme o decreto nº 6.571, 17 de setembro de 2008:

§ 1º Considera-se atendimento educacional especializado o conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, prestado de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos no ensino regular.

Existe a necessidade de que esses profissionais da educação atuem em conjunto, visando um melhor desenvolvimento do estudante autista. Através desse trabalho em conjunto existe a possibilidade de haver progressos pedagógicos em sua vida estudantil, bem como na sua vida social.

A terceira pergunta foi acerca de como os professores se planejam para as aulas em turmas que possuem estudantes com TEA. Os docentes responderam:

P1: Planejamento é um só, mas existe a adaptação das aulas;

P2: Planeja de forma diferenciada. A metodologia é diferenciada mas a aula é globalizada;

P3: Com a ajuda de outro profissional, mas devem ser planejadas com um material que facilite a criação de uma rotina. (SANTOS, SILVA, CONCEIÇÃO E SOARES, 2021, p.5).

Nesse ponto vê-se a necessidade de um professor que sabe as necessidades educacionais do discente, o professor que conhece o estudante e que sabe quando e como as adaptações devem ser feitas, o docente que pode fazer uma reflexão acerca de como o estudante tem acompanhado os demais, se é necessária alguma modificação, visando um melhor entendimento para o estudante. Para Mantoan (2003, p. 46):

Se um aluno não vai bem, seja ele uma pessoa com ou sem deficiência, o problema precisa ser analisado com relação ao ensino que está sendo ministrado para todos os demais da turma. Ele é um indicador importante da qualidade do trabalho pedagógico, porque o fato de a maioria dos alunos estar se saindo bem não significa que o ensino ministrado atenda às necessidades e possibilidades de todos.

Em uma próxima pergunta os professores foram questionados se fazem adaptações dos conteúdos das aulas para estudantes autistas e nesta pergunta a resposta é unânime, todos afirmam que sim, fazem adaptações para o educando.

Na quinta pergunta os autores questionaram acerca dos instrumentos que usam para avaliar a aprendizagem do estudante com autismo. Segue abaixo as respostas:

P1: Através de atividades que eles fazem; Desenvolvimento;

P2: Avaliação escrita; Através do conhecimento;

P3: Todas as atividades realizadas pelo aluno são formas de avaliá-los; (SANTOS, SILVA, CONCEIÇÃO E SOARES, 2021, p.6).

Vemos que os professores fazem avaliações através de cada atividade realizadas pelos estudantes, notam o crescimento educacional do estudante por meio de uma avaliação que não acontece em um período específico, mas dia após dia têm a percepção de aspectos que os discentes melhoraram ou ainda pontos que precisam ser trabalhados. (Silva et al. 2021 Apud Almeida e Almeida, 2008) para avaliar continuamente é mais do que oferecer múltiplos instrumentos avaliativos, é ter uma postura avaliadora e um olhar atento às singularidades do fazer de cada estudante. Assim, a avaliação contínua verifica o estudante por inteiro e não apenas no final do bimestre ou do ano, é um processo de avaliação constante. Percebe-se assim que os

docentes apresentam uma forma positiva de avaliar o aprendizado do educando da inclusão.

Segundo os autores (Silva et al. 2021, p.6):

Quando questionado se o educando recebeu alguma capacitação na escola ou no município voltada para a atuação docente junto ao aluno com TEA, 100% dos entrevistados responderam que recebem este apoio. A capacitação dos professores é um aspecto de suma importância no contexto da escola inclusiva. Observando os dados desta pesquisa pode-se notar que nesse ponto a escolar regular está sendo insuficiente, pois todos os entrevistados afirmaram não ter recebido nenhuma capacitação oferecida pela escola ou pelo município para trabalhar com alunos autistas.

Segundo Mantoan (2003, p.43):

Se, de um lado, é preciso continuar investindo maciçamente na direção da formação de profissionais qualificados, de outro, não se pode descuidar da realização dessa formação e deve-se estar atento ao modo pelo qual os professores aprendem, para se profissionalizar e para aperfeiçoar seus conhecimentos pedagógicos, e também a como reagem às novidades, aos novos possíveis educacionais.

As autoras Capellini, Shibukawa e Rinaldo (2016) trazem um artigo tratando acerca da alfabetização de um estudante com autismo no ensino fundamental em uma classe regular. Na pesquisa realizada elas perceberam que a professora da sala tratava o educando autista de maneira diferenciada, tanto em relação aos conteúdos quanto ao tratamento direto com o discente. No falar com o estudante e através disso é possível perceber que a exclusão já começa a partir deste ponto, uma vez que, este olhar diferenciado representa falta de afeto e acolhimento que a professora tem no aprendizado do estudante.

Segundo as autoras:

Seu discurso é evidenciado em vários episódios, como, por exemplo, enquanto os demais alunos faziam atividades de escrita de palavras ou de leitura, entregava ao aluno com autismo uma cópia de um livro de gravuras, visando entretê-lo com pinturas. Assim, as adaptações realizadas consistiam em facilitar a atividade, e não fazer com que o aluno pudesse realizar a mesma atividade que os demais, por meio de recursos e estratégias diferenciadas. (CAPELLINI, SHIBUKAWA E RINALDO, 2016, p.90)

A adaptação feita pela professora neste caso não era com intuito de fazer com que o educando aprendesse o assunto a ser transmitido, mas na realidade sua intenção era a de controlar o estudante em sala de aula. Segue abaixo uma fala da professora trazida pelas autoras:

“Acho que o Estado deveria dar um curso pra gente saber como trabalhar com esses alunos, porque eu fiz magistério já tem muito tempo e na minha época não tinha essas coisas. [...] Falam que a gente tem que incluir os alunos e que todo mundo tem que aprender as mesmas coisas, mas você vê, eles não conseguem acompanhar”.

Conseguimos perceber que os professores se sentem despreparados para este trabalho visto que não possuem formação necessária de maneira que aprendam estratégias para auxiliar estes discentes em sala de aula. Os professores não possuem conhecimentos que os levem a ter a segurança diante de discentes com deficiência. A presença deles em sala de aula é marcada pela incerteza e incapacidade, essa falta de conhecimento por parte dos professores afeta diretamente a vida estudantil desses educandos que possuem deficiência. É marcada por atitudes que não traz contribuição para o progresso destes estudantes.

Capellini, Shibukawa e Rinaldo (2016, p.90) falam a respeito de elementos para acontecer a alfabetização e letramento de educandos TEA.

Dessa forma, para que a educação do aluno com TEA seja significativa, promovendo sua socialização e comunicação, o processo de alfabetização e letramento caracteriza-se como um aspecto fundamental. O professor deverá buscar conhecimentos, estratégias e recursos diferenciados para tornar sua prática pedagógica mais inclusiva, favorecendo ao aluno uma aprendizagem de efetiva qualidade.

As autoras Aporta e Lacerda (2018, p.46 apud Leite, Laura e Martins, 2013) nos trazem a noção do que seria o desenho universal da aprendizagem:

as adequações feitas no currículo podem ser entendidas como estratégias didático-pedagógicas que alcancem o maior número de diferenças. Dessa forma, as autoras defendem que é necessário o desenvolvimento de um plano de ensino que contemple as especificidades dos alunos, respeite as diferenças acadêmicas e seus ritmos de aprendizagem.

O Desenho universal da aprendizagem citado pelas autoras se refere a uma forma de o professor planejar suas aulas de modo que esta venha contemplar todos

os alunos nas suas diferenças, isso em relação aos alunos que possuem alguma deficiência quanto aos que não possuem, o professor pode pensar suas aulas para que todos os alunos participem.

As autoras Figueiredo, Costa e Dias (2018) trazem uma série de estratégias que podem ser utilizadas dentro da sala de aula para auxiliar o professor e promover uma educação de qualidade para o estudante com autismo.

A primeira estratégia citada é a importância de o estudante TEA sentar-se próximo ao professor para que assim o docente possa dirigir o foco e manter a atenção do educando. Isso é um fato importante, porque a criança com TEA pode perder a atenção com facilidade e por isso é necessário que o docente mantenha esse cuidado.

Importante também manter um quadro com a rotina do dia a dia do estudante, quadro com figuras e chame a atenção dele. Esse quadro pode conter atividades que o educando deve desenvolver na escola. Isso é necessário, porque o discente com autismo se prende à rotina, por isso é imprescindível para que ele tenha em mente todas as suas atividades a serem desenvolvidas na escola; e o docente evite realizar ações que não contribuem para o progresso dele, em razão de o educando acabar se adaptando a essas atividades se torna um árduo trabalho fazer com que perca o hábito de realizar tal ação.

Como demais estratégia as autoras citam:

- usar recursos visuais múltiplos e variados de modo a proporcionar ao aluno com autismo condições e possibilidades de entender e assimilar o que está sendo ensinado, ou seja, priorizar os recursos visuais;
- estar atento a dificuldade da criança com autismo em relação a interpretação de textos e enunciados mais abstratos e complexos;
- a adaptação dos conteúdos e a avaliação devem corresponder às necessidades e características que o autista apresenta. (FIGUEIREDO, COSTA E DIAS, 2018, p. 12).

As autoras Figueiredo, Costa e Dias (2018), citam a importância de o docente ter em mente que cada ação desenvolvida com o educando TEA vai depender das características que ele possui.

A inclusão de estudantes com autismo na rede regular de ensino representou para os docentes uma incapacitação, não se sentiam preparados para lidar com eles, a formação recebida por eles não os instruiu quanto a maneira correta para tratar com

esses estudantes, o que gerou uma sensação de não estarem aptos para lidarem com esses estudantes da forma correta. Por isso, faz-se necessário um preparo correto dos professores para que estes possam realizar seu trabalho com mais qualidade.

Mantoan (2003) traz a necessidade de a escola ser pautada pelas diferenças, dessa forma, promoverá uma educação de fato inclusiva. É necessário que não pensemos naquilo que temos em comum, iguais, mas no que nos torna diferentes.

Segundo a autora: “O direito à diferença nas escolas desconstrói, portanto, o sistema atual de significação escolar excludente, normativo, elitista, com suas medidas e seus mecanismos de produção da identidade e da diferença.” (MANTOAN, 2003, p. 19). Essa diferença faz parte da sociedade só é necessário que a escola hoje progrida de modo rever a exclusão que, infelizmente ainda tem ocorrido.

Mantoan (2003) nos traz uma discussão acerca dos termos Integração e Inclusão, integração se refere a uma modalidade onde o estudante com deficiência é inserido dentro do contexto educacional, sem que haja uma classe específica, pode ser em classes regulares, salas de recursos, classes especiais e além disso a autora cita que nem todos os estudantes com deficiência são selecionados para estarem nessa integração, uma vez que há uma seleção prévia dos estudantes que deverão fazer parte desta modalidade. Segundo Mantoan (2003, p.15): “Em suma: a escola não muda como um todo, mas os alunos têm de mudar para se adaptarem às suas exigências.”

Nesse debate:

Quanto à inclusão, esta questiona não somente as políticas e a organização da educação especial e da regular, mas também o próprio conceito de integração. Ela é incompatível com a integração, pois prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática. Todos os alunos, sem exceção, devem freqüentar as salas de aula do ensino regular (MANTOAN, 2003, p.15).

Contudo, faz-se necessário trazer uma consideração acerca das contribuições de Mantoan neste trabalho, sabemos que o dever de promover a inclusão escolar é um trabalho árduo e difícil, um trabalho em que se progride com o passar do tempo e por vezes, por mais que o docente procure realizar um trabalho significativo nem sempre é possível perceber uma mudança.

Mantoan traz um ponto de vista muito extremo no que se refere ao conceito de inclusão, ela defende a inclusão, mas dentro desse processo, o professor acaba sendo muito atacado por ela, é necessário fazer uma reflexão acerca disso, o professor muitas vezes em sua prática docente faz o que pode, o que está a seu alcance. Sabemos que o professor nem sempre consegue promover a inclusão dentro da sala de aula e isso não por falta de tentativas, mas por diversos fatores que são determinantes dentro desse contexto escolar.

O que se deve ressaltar é que a inclusão deve ser colocada em prática em todos os âmbitos dentro da escola, a responsabilidade não deve ficar centralizada no docente da sala de aula, mas deve ser pensada por todos.

No contexto da inclusão não há nenhuma seleção de estudantes que devem fazer parte do ensino em classe regular, pelo contrário todos os estudantes fazem parte, não existe uma exceção, mas adaptações nas aulas do docente para que inclua e que haja um desenvolvimento de os discentes, com ou sem deficiências. Nesse caso, é a escola que se adapta para incluir este estudante, e não ele que se adapta à escola.

Portanto, é esta inclusão que as escolas hoje devem colocar em prática, uma prática que se feita corretamente pode contribuir significativamente para a melhoria da educação brasileira, e conseqüentemente, de toda a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que hoje as escolas brasileiras têm vivido essa crise citada por Mantoan (2003), que advém da entrada de estudantes com deficiência nas classes regulares de ensino, em razão de os docentes se verem diante de um grupo de educandos do quais não possuem conhecimento e embasamento para transmitir todo o conteúdo pedagógico e por isso se instalou essa crise a qual estamos vivenciando, mas ela é necessária para que as escolas evoluam no que se refere a oferta de aula para esses estudantes.

Hoje, percebemos que esses estudantes com autismo ou mesmo com deficiência no geral têm frequentado as escolas para “cumprir tabela”. Ao ingressarem nas escolas é possível perceber que na maioria das vezes não acontece uma educação inclusiva, a qual traz para esses educandos um progresso, desenvolvimento. Em suma, esses estudantes frequentam a escola, mas não recebem as aulas como os demais discentes. No geral, recebem em sala alguma atividade ou desenho para pintar que difere dos demais. Isso acontece apenas para que aquele estudante se mantenha entretido e não “atrapalhe” a aula do docente.

E isso vem ocorrendo nas escolas, porque esses não participam, de fato, de uma formação inicial e continuada que os deixe a par de como contribuir para uma educação de qualidade para esses estudantes, ou não são instigados a procurar incluir verdadeiramente esses discentes.

Através dos dados que foram estudados para este presente trabalho faz-se necessário trazer consideração acerca da importância de um professor preparado para lidar com o estudante dentro da sala de aula, do professor com olhar atento para as características de cada educando. Nesse contexto da inclusão escolar é imprescindível o trabalho do professor, é necessário que este tenha toda a preparação para atuar junto a esses estudantes.

É importante citar o papel que a prática tem para o professor, só é possível saber fazer, fazendo, colocando em prática, então, o docente deve fazer uso dessa prática, aprender testando com o aluno, fazendo testes para perceber o que funciona e o que não funciona. A prática tem um papel muito importante nesse contexto, o professor aprende com o educando.

No entanto, se considerarmos o cenário educativo brasileiro de décadas atrás e hoje é perceptível que aconteceu um avanço, mas as mudanças acontecem aos

poucos, o que estamos vivendo hoje é a dita crise de paradigma citado por Mantoan (2003), que por meio dela os professores e a escola no geral são instigados a trazer a inclusão para esses discentes com deficiência.

Um longo caminho já foi percorrido na área da inclusão de estudantes com TEA, hoje eles têm acesso à rede regular de ensino, várias leis dispõem acerca do ensino que devem receber e isso é notável se considerarmos uma época de grandes dificuldades para os estudantes com TEA, em que eles não tinham acesso à educação de qualidade, não havia um diagnóstico preciso do transtorno e muitas vezes eram taxados de mal educados, rebeldes e malcriados, além das dificuldades enfrentadas pelos pais. Ficamos felizes em perceber o quanto a sociedade evoluiu no âmbito da educação de autistas.

Contudo, se faz necessário ter a percepção de onde estamos, o que foi alcançado e o que ainda há para fazer pelo bem da educação dos estudantes com autismo no Brasil. Os erros permanecem sendo cometidos, erros esses que atrasam e dificultam o desenvolvimento dos estudantes com TEA e sabemos que é necessário esse olhar sensível para essas mudanças necessárias nesse contexto.

REFERÊNCIAS

APORTA, Ana Paula; LACERDA, Cristina Boglia Feitosa de. Estudo de Caso sobre Atividades Desenvolvidas para um Aluno com Autismo no Ensino Fundamental I. **Revista Brasileira de Educação Especial**. v. 24, n. 1, p.45-58, Jan/mar, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/D7Fwj7yXGJvCPJkwPkYGWRz/abstract/?lang=pt>, acesso em 01 de maio de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

BRASIL. **Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado. Presidência da República/Casa Civil/Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília. 2008.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva – PNEEPEI/MEC**. Brasília, 2008.

BRASIL. **Resolução nº4, de 2 de outubro de 2009**. Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional especializado na Educação Básica, modalidade Educação especial, Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. **LEI Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRITO, Elaine Rodrigues de. A inclusão do autista a partir da educação infantil: um estudo de caso em uma pré-escola e em uma escola pública no município de Sinop - Mato Grosso. **Eventos Pedagógicos**. Mato Grosso, v. 6, n. 2, p. 82-91, jun./ jul. 2015. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/9667>, acesso em 15 de fevereiro de 2023.

BARBERINI, Karize Younes. A escolarização do autista no ensino regular e as práticas pedagógicas. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**. v. 16, n. 1, 2016. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1519-03072016000100006, acesso em 10 de fevereiro de 2023.

CAPELLINI, Vera Lucia Messias Fialho; SHIBUKAWA, Priscila Hikaru Shibukawa; RINALDO, Simone Catarina de Oliveira. Práticas pedagógicas colaborativas na alfabetização do aluno com Transtorno do Espectro Autista. **Colloquium Humanarum**, v. 13, n. 2, p. 87-94, abr./jun. 2016. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/1309>, acesso em 29 de abril de 2023.

FIGUEIREDO, Joelma Pinheiro; COSTA, Juliana Pereira; DIAS, Synthia Lopes. **Autismo e Inclusão: Um olhar para as Práticas Pedagógicas**. 2018. P. 23. Monografia (graduação em Pedagogia) – Faculdade Doctum de Pedagogia da Serra, Serra- ES, 2018. Disponível em: <https://dspace.doctum.edu.br/bitstream/123456789/1345/1/AUTISMO%20E%20INCLUS%C3%83O%20ESCOLAR%20UM%20OLHAR%20PARA%20AS%20PR%C3%81TICAS%20PEDAG%C3%93GICAS.pdf>, acesso em 10 de maio 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Organização e apresentação de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

GRANDIN, Temple. **O cérebro autista**. 1º ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Inclusão Escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MARTINS, Mara Rubia Rodrigues. **Inclusão de alunos autistas no ensino regular: concepções e práticas pedagógicas de professores regentes**. 2007. p.163. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/123456789/1887/1/Texto%20Completo.pdf>, acesso em 29 de janeiro de 2023.

Modelo teacch - intervenção pedagógica em crianças com perturbações do espectro do autismo. Tese (Mestrado em Educação especial) – Escola Superior de Educação Almeida Garret. Lisboa, p. 182. 2012. Disponível em: <https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/2673/1/D.pdf>, acesso em 29 de janeiro de 2023.

NUNES, Debora Regina de Paula; AZEVEDO, Mariana Queiroz Orrico; SCHMIDT, Carlo. Inclusão educacional de pessoas com autismo no Brasil: uma revisão da literatura. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 26, n. 47, p. 557-572, set./dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/10178>, acesso em 25 de janeiro de 2023.

SILVA, Janete Santos; SANTOS, Wanessa Costa dos; CONCEIÇÃO, Camila Braga da; SOARES, Cecília Regina Galdino. Autismo: práticas educativas no ensino regular em uma escola de Caxias, Maranhão, Brasil. **Revista de Educação, Ciência e Saúde**, v. 1, n.3, p. 1-10, jul./set., 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/354303346_AUTISMO_PRATICAS_EDUCATIVAS_NO_ENSINO_REGULAR_EM_UMA_ESCOLA_DE_CAXIAS_MARANHAO_BRASIL, acesso em 29 de abril de 2023.

MORAIS, Telma Liliana de Campos. **Modelo TEACCH: intervenção pedagógica em crianças com perturbações do espectro do autismo**. 2012. Dissertação de mestrado. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Morais+2012+autismo+&oq=morais+#d=gs_qabs&t=1687803769778&u=%23p%3DWZ8pWEqNhxEJ, acesso em 10 de janeiro de 2023.

TOMAZELI, Gleice Mara. BARBOSA, Sidney. Estimulação Precoce e Autismo: a importância da estimulação precoce em crianças com o transtorno do espectro autista. **Repositório Uninter**, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/handle/1/878>, acesso em 20 de abril de 2023.

SCHMIDT, Carlo; NUNES, Débora Regina de Paula; PEREIRA, Débora Mara; OLIVEIRA, Vivian Fátima de; NUERNBERG, Adriano Henrique; KUBASKI, Cristiane. Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, v. 17, n. 3, p. 222-235, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v18n1/17.pdfL>, acesso em 28 de fevereiro de 2023.

ANEXOS:



AVALIAÇÃO DO TRABALHO

Prezado(a) **LAIARA LIMA DE CARVALHO**, informamos que seu trabalho intitulado "PRÁTICAS DE ENSINO PARA ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)", foi avaliado e considerado "**ACEITO**" pela Comissão Científica do IX CONEDU.

Caso a comissão tenha deixado algum comentário, ele encontra-se abaixo:

'''

Modalidade: Comunicação Oral (CO)

Grupo de Trabalhos (GT): GT 10 - Educação Especial

Título: PRÁTICAS DE ENSINO PARA ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Autor(es): LAIARA LIMA DE CARVALHO e WALBER CHRISTIANO LIMA DA COSTA

Atenciosamente,
Comissão Científica

APÊNDICES:

PRÁTICAS DE ENSINO PARA ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Laiara Lima de Carvalho¹
Walber Christiano Lima da Costa²

RESUMO

Este presente artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Laiara Lima de Carvalho, orientado pelo autor Walber Christiano Lima da Costa e tem por objetivo apresentar práticas de ensino que podem auxiliar na escolarização de estudantes com TEA na rede de educação básica. O TEA é uma temática que tem sido muito discutida nos meios científicos, dada sua grande ocorrência nas escolas quanto também devido a novas pesquisas no campo da área médica. Apresentamos neste estudo ainda a importância do professor que busca conhecer as especificidades do estudante com autismo, para que através do conhecimento que ele tem do mesmo possa buscar as melhores formas de promover a inclusão dele com ao demais colegas em sala de aula. Para esse recorte teórico, apresentamos discussões de Barberini (2016); Nunes, Azevedo e Schmidt (2013) e Martins (2007), entre outros referenciais teóricos. Em nossa abordagem qualitativa, verificamos que esses autores aqui citados trouxeram uma relevante contribuição para esse assunto e foram de importância considerável para a produção deste presente artigo. Através do estudo desses materiais expostos foi possível perceber o quanto o Brasil ainda carece de uma evolução no que se refere a educação de crianças com TEA, de uma formação de professores que seja significativa para que possa contribuir com o desenvolvimento desses estudantes e não somente uma formação mas também todo o recurso que se torna imprescindível no processo de escolarização do estudante.

Palavras-chave: Autismo, Práticas pedagógicas, Inclusão escolar.

INTRODUÇÃO

O autismo se caracteriza como um transtorno global do desenvolvimento (TGD) e afeta grave e globalmente três características principais do ser humano, que são: a interação social, comunicação e o comportamento. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser diagnosticado antes mesmo dos três anos de idade, sendo detectado através da observação do comportamento da criança.

O presente trabalho pretende tratar acerca da educação dos estudantes com TEA, a importância de um acompanhamento pedagógico especializado na deficiência que o estudante possui, buscando explicitar acerca do ensino adequado para esses estudantes, levando em consideração a característica de cada um com autismo e a forma como os estudantes podem se

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA.
E-mail: laiara.l@unifesspa.edu.br.

² Professor orientador: Doutor em Educação em Ciências e Matemáticas (UFPA). Professor da Faculdade de Ciências da Educação (FACED-ICH-UNIFESSPA). E-mail: walberchristiano@gmail.com.

desenvolver quando ocorre um acompanhamento precoce e significativo, procurando entender acerca da importância da estimulação e de boas práticas pedagógicas.

Pretende-se com este trabalho comprovar a importância da escola para o estudante com autismo, a importância de acompanhamento escolar e a forma como podem auxiliar no processo de crescimento físico e cognitivo de estudantes com autismo através de uma escola inclusiva que busque metodologias específicas para o estudante com TEA.

As crianças diagnosticadas com autismo passam por uma série de desafios ao longo da vida sendo o principal deles a falta de interação social com as pessoas a sua volta, na escola isso não é diferente e o professor se vê diante de um dilema, uma vez que não possui toda a formação adequada e não sabe como lidar com o estudante autista. Pensando nisto, este documento traz os principais debates acerca deste tema, procurando expor as formas corretas de tratar em sala de aula o estudante com autismo.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996):

Será assegurado aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns.

Portanto, ressalta-se mais uma vez a importância de um educador com formação necessária para atuar em conjunto com a escola e os pais em prol da criança com autismo.

Os objetivos do TCC estão ligados aos estudantes com TEA, os docentes e as escolas. Assim, delimitou-se o seguinte objetivo: Apresentar reflexões acerca das práticas pedagógicas que ajudam no desenvolvimento do estudante com TEA.

O decreto nº 6.571 de 17 de setembro de 2008, dispõe acerca do Atendimento Escolar Especializado, o público alvo deste atendimento são os estudantes que possuem deficiência, entre eles os que possuem autismo, este atendimento vem para suplementar/complementar o ensino regular e acontece no contra turno do estudante, não substitui a classe comum. A resolução nº 4/2009 traz as atribuições do Professor do AEE (Atendimento Escolar Especializado), que são:

- I – identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias considerando as necessidades específicas dos alunos público-alvo da Educação Especial;
- II – elaborar e executar plano de Atendimento Educacional Especializado, avaliando a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade;
- III – organizar o tipo e o número de atendimentos aos alunos na sala de recursos multifuncionais;

IV – acompanhar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade na sala de aula comum do ensino regular, bem como em outros ambientes da escola;

V – estabelecer parcerias com as áreas intersetoriais na elaboração de estratégias e na disponibilização de recursos de acessibilidade;

VI – orientar professores e famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno;

VII – ensinar e usar a tecnologia assistiva de forma a ampliar habilidades funcionais dos alunos, promovendo autonomia e participação;

VIII – estabelecer articulação com os professores da sala de aula comum, visando à disponibilização dos serviços, dos recursos pedagógicos e de acessibilidade e das estratégias que promovem a participação dos alunos nas atividades escolares.

Então, o AEE tem por objetivo auxiliar o estudante com deficiência em seu desenvolvimento através da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que auxiliem o estudante em seu convívio em sociedade e deve trabalhar em concordância com o professor o ensino regular.

METODOLOGIA

Esta pesquisa de natureza qualitativa tem por objetivo estudar as formas como o estudante autista se desenvolve dentro da escola pública levando em conta sua deficiência e a forma como os docentes da escola procuram auxiliar e encontrar metodologias de ensino para esse estudante.

Para esta pesquisa escolheu-se o método de pesquisa intitulado por pesquisa bibliográfica, que segundo Severino (2013, p. 106):

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Este estudo buscou entender a forma como o estudante com autismo tem sido recebido nas escolas públicas e se há um acompanhamento de professores adequados para o educando. Através desses dados foi possível fazer um levantamento em relação à importância de um professor que sabe identificar as características de seu estudante, a forma como pode contribuir significativamente no crescimento cognitivo dele e de acompanhamento escolar especializado para aquele estudante.

Esta pesquisa foi de natureza exploratória para que além de levantar e registrar informações do fenômeno estudado também possa buscar encontrar causas de determinados resultados encontrados na pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) começou a ser investigado em 1943, porém, ainda não possuía o título de autismo, que só veio a ser tratado dessa forma vários anos mais tarde. O primeiro pesquisador que investigou o autismo foi *Leo Kanner*, ele percebeu características peculiares em algumas crianças e isso o instigou para buscar entender tal fenômeno, contudo, o pontapé inicial para sua pesquisa foi receber a carta de um pai apresentando seu filho que possuía muitas diferenças comportamentais em relação as outras crianças, a partir de então ele passou a pesquisar as informações que se tinha naquela época acerca do autismo.

Kanner passou a investigar possíveis causas e curas para o autismo, passou a testar diversas possibilidades em relação as causas desse transtorno, uma delas que se fortaleceu por alguns anos foi a de que as crianças desenvolviam autismo devido ao comportamento de seus pais, as crianças com autismo tinham o hábito de se isolarem do mundo, não socializarem com adultos e com as demais crianças, Kanner acabou deduzindo que o comportamento dessas crianças era influenciado pela forma como seus pais agiam, denominaram esses pais como “pais geladeiras”, que não estabeleciam uma relação próxima com seus filhos e que isso afetava na forma como eles se aproximavam das pessoas em geral, tornando-se crianças isoladas e que não estabeleciam uma relação próxima com as pessoas ao seu redor. Grandin (2015, p.15) trata sobre isso:

Contudo, em artigo posterior de 1949, Kanner mudou a atenção do biológico para o psicológico. O artigo tinha dez páginas e meia; Kanner gastou cinco páginas e meia tratando do comportamento dos pais. Onze anos depois em entrevista à *Time*, ele afirmou que as crianças autistas em geral eram frutos de pais “que se descongelaram apenas o suficiente para gerar um filho”

Porém, com o passar do tempo Kanner percebeu que estava equivocado em relação a isso, não é o comportamento dos pais que afetava a forma como a criança se comportava, o que tirou o peso da culpa dos pais e principalmente as mães na época, ele entendeu que na verdade as crianças desenvolviam tais características por si mesmas. Temple Grandin (2015, p.16) em

seu livro *O cérebro autista*, reforça a tese de que os pais não influenciam esse comportamento dos autistas:

A criança não se comportava de modo psicologicamente isolado ou fisicamente destrutivo porque os pais eram emocionalmente distantes. Em vez disso, os pais é que eram emocionalmente distantes porque a criança se comportava de um modo psicologicamente isolado ou fisicamente destrutivo. Minha mãe é um desses casos. Ela escreveu que, quando eu não retribuía seus abraços, ela pensava: *Se a Temple não me quer, mantereí distância*. Porém o problema não era que eu não a quisesse. Era que a sobrecarga sensorial de um abraço fazia meu sistema nervoso pifar.

Esse pensamento de *Kanner* acabou ganhando força de *Bruno Bettelheim* que se passou boa parte de sua vida pulicando obras em que reafirmava a teoria de *Kanner* das *mães geladeiras*. Mais tarde, essa teoria acabou sendo criticada por diversos estudiosos da época, como Richard Pollack e Clara Park, mas o primeiro a ganhar uma notoriedade foi *Bernard Rimland*, que percebeu que seu filho possuía muitas características de Autismo e com seus estudos nas literaturas científicas percebeu que muitas pesquisas poderiam estar equivocadas em relação a teoria das mães geladeiras.

Rimland em seu livro: *“Infantile autismo”*, publicado em 1964, nega toda a teoria levantada por *Bettelheim* e *Kanner*, este livro teve seu prefácio escrito por *Kanner* e desta forma ganhou ainda mais notoriedade a época, *Kanner*, em 1969, vem a público se desculpar com as mães afetadas por sua teoria.

Então, segundo o que foi explicitado até aqui entende-se que o autista devido a suas características possui grandes dificuldades em seu desenvolvimento cognitivo, motor e a interação social, por isso recomenda-se a atenção a criança para que seja possível fazer um diagnóstico precoce e assim melhore as chances de um maior desenvolvimento da criança. Visto que, o autista na escola passa a ser instigado a conviver com seus colegas e deve receber um acompanhamento adequado por parte dos professores e da escola.

Segundo Tomazeli e Barbosa (2022 p.3), O ambiente escolar é o caminho inicial para a inclusão da criança autista. Partindo da integração na educação infantil, momento este que o estudante dará seus primeiros passos no desenvolvimento intelectual e afetivo socialmente, inserido em uma nova realidade, disposta por docentes, colegas, equipe escolar e multidisciplinar.

Entendemos a importância que a escola tem na vida do estudante em geral, mas principalmente para o estudante com autismo, uma vez que na escola ele iniciará sua jornada para o desenvolvimento e quanto antes for iniciada uma intervenção pedagógica mais cedo ele

tem a possibilidade de viver adequadamente sem uma grande influência das características do autismo.

Para Tomazeli e Barbosa (2022, p.3), cabe ao professor utilizar de metodologias pedagógicas adequadas para cada caso, bem como um olhar afetuoso sendo uma ferramenta importante para o educador dispor de recursos necessários para possibilitar um melhor convívio em sala de aula e trabalhar as dificuldades trazidas pelas crianças acometidas pelo espectro.

O papel do professor é um papel de grande relevância na vida do estudante autista, através das práticas dele este se mostrará em desenvolvimento e terá uma maior possibilidade de avanço em relação ao transtorno, mas para isso é necessário que o docente receba uma formação adequada e tenha o embasamento necessário para lidar com o estudante com TEA.

Segundo Brito (2015, p.4), A escola, e em especial, o professor pode assumir um papel importante na vida das crianças autistas se informados corretamente. O currículo das escolas deve ser adaptado às necessidades das crianças e não o contrário. E para isso, é preciso proporcionar oportunidades curriculares que sejam apropriadas à criança com habilidades e interesses diferentes.

Portanto, para que o processo na vida do estudante avance de forma satisfatória é necessário que haja o diagnóstico o mais precocemente possível e o acesso à escola para que seja iniciado um acompanhamento especializado ao estudante com este transtorno. no que se refere à educação de autistas a Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996, Art. 58.) dispõe:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, nos termos do **caput** deste artigo, tem início na educação infantil e estende-se ao longo da vida, observados o inciso III do art. 4º e o parágrafo único do art. 60 desta Lei.

Portanto, segundo legislação brasileira os estudantes com TEA devem ser matriculados em escolas da educação básica, ter acesso à educação e os docentes das escolas devem ter uma formação que contemplem estes estudantes, além do currículo que contemplem tais especificidades.

Mas há diversos desafios para a educação desses estudantes, a metodologia empregada a eles deve diferir daquela usada com os demais, uma vez que deve contemplar as

particularidades. Segundo Tomazeli e Barbosa (2022, p. 2), as crianças diagnosticadas ou sinalizadas com autismo, apresentam características e necessidades específicas, logo surge o papel dos professores de educação especial suprindo suas necessidades. Todavia, para isso é necessário estarem familiarizados com os sinais para detectarem um possível transtorno, estando atentos e vão de encontro as necessidades das crianças, intervindo e atuando com presteza diante do transtorno.

Por isso há a necessidade de que o autismo seja detectado na criança o mais rápido possível, para que o professor a escola e os pais atuem em conjunto visando o desenvolvimento integral da criança com autismo e que as características dessa criança não o afetem em sua convivência na sociedade, segundo Tomazeli e Barbosa (2022, p. 2):

O autismo ou Transtorno do Espectro Autista (TEA) se define como um distúrbio em desenvolvimento. Apresenta-se como um espectro, visto que as características variam de um nível leve até o severo, comprometendo o desenvolvimento normal e pode ser notado antes da idade de 03 (três anos) afetando diretamente a interação social, a comunicação e o comportamento, resultando em limitações principalmente no ensino aprendizagem das crianças.

Segundo Brito (2015, p.3) Nos aspectos educacionais percebe-se que para se educar um autista é preciso também promover sua integração social e, neste ponto, a escola é, sem dúvidas, o primeiro passo para que aconteça esta integração. É a partir da creche que se deve conduzir o desenvolvimento intelectual e afetivo da criança autista, por meio de uma interação entre os ambientes que ela faz parte, fazendo-a conhecer a realidade existente na sociedade e proporcionando um saber da humanidade e das relações que a cercam.

Portanto, nota-se a grande importância que a escola tem no processo de desenvolvimento de estudantes com TEA, segundo Morais (2012, p. 57):

Uma vez que não existe cura para esta síndrome, é possível melhorar a qualidade de vida destas crianças e jovens, e isso não pode deixar de passar pelo desenvolvimento das suas competências e capacidades. Os profissionais que prestam serviço nas Unidades de Ensino Estruturado, trabalham no sentido de desenvolverem competências nestas crianças, corrigir comportamentos inadequados, oferecer-lhes rotinas securizantes e tranquilizantes, aumentar a sua autonomia, disponibilizar-lhes diferentes formas de compreender a vida e a integrarem-se melhor no mundo que os rodeia.

É muito importante que as crianças com síndrome autista possam beneficiar de uma intervenção adequada o mais precocemente possível. É no seguimento das exigências atrás descritas, que surge a necessidade de criar Unidades de Ensino Estruturado. Para que estes programas de intervenção tenham mais sucesso, é necessário o real envolvimento de todos os técnicos que trabalham com estas crianças e das suas famílias.

Acerca do desenvolvimento de autistas é importante que tanto a escola quanto a família tenham a compreensão de que nem todos os dias tudo vai dar certo. Além disso, os profissionais

da escola necessitam observar os progressos que a criança vai conquistando do ponto de vista da própria criança. É preciso analisar o processo desde seu ingresso na escola, como a criança se portava e o que passou a ser capaz de realizar (BRITO, 2015, p.5). Portanto, a educação do estudante com TEA se desenvolve ao longo do tempo, aos poucos.

A falta de uma formação adequada de professores para que eles saibam lidar com esses estudantes pode afetar e contribuir para que o estudante tenha dificuldades em seu processo de desenvolvimento ao longo de sua via escolar, é necessário esse embasamento para que o professor tenha o conhecimento necessário de todo o recurso didático que pode utilizar com os estudantes e que saiba identificar as especificidades de cada estudante e como aplicar atividades que leve em consideração essas características. Segundo Barberini (2016, p. 3)

Tendo em vista a dificuldade e a preocupação dos profissionais da educação para atender alunos diagnosticados com autismo em suas salas de aula, no ensino regular, visto que, as escolas não têm recursos para tal e que os professores não possuem formação adequada para atender a esses alunos, questiona-se a existência de práticas pedagógicas diferenciadas que estão sendo desenvolvidas por professores do ensino regular para escolarizar alunos diagnosticados com autismo em suas salas de aula.

Segundo Barberini (2016 apud Briant e Oliver, 2012, p.5)

As atividades diferenciadas para alunos com autismo “quebram” com o conceito de inclusão, mas se o aluno não acompanha a turma, não consegue realizar as mesmas atividades que os demais colegas, elas são necessárias. Utilizar estratégias pedagógicas diferenciadas é, sem dúvida, uma vertente para igualar as oportunidades, mas para que os docentes as utilizem, é necessário que reconheçam seus alunos como sujeitos capazes de aprender, para que assim, possam favorecer a construção de uma educação de qualidade para todos,

Então, existem casos em que há a necessidade de se ter uma prática pedagógica específica para o estudante com TEA, uma vez que, ele possui características próprias que devem ser levadas em conta no momento das atividades pedagógicas, esse acompanhamento específico para o autista aliado a recursos como, música, livro, celular, computador etc. pode ajudar muito no processo educativo do estudante com TEA.

No que se refere as dificuldades enfrentadas pelos professores na escolarização de estudante com TEA um dos mais citados é a falta de formação que compreenda os estudantes com deficiência, que os docentes sejam orientados com o devido conhecimento acerca da forma certa de utilizar as práticas pedagógicas com Autismo. Através de uma pesquisa Martins (2007) traz dados acerca dos principais fatores que atrapalham no ensino de estudantes com TEA, sendo os principais deles: a falta de formação/ falta de formação específica, falta de apoio da família, escassez de recursos profissionais e materiais e a falta de professor auxiliar. Porém, o

fator mais contribuinte para a dificuldade na educação de autistas é a falta de formação específica. Martins (2007, p. 125):

Como podemos observar, são muitos os fatores que dificultam a inclusão escolar de autistas no ensino regular, mas os resultados deixam evidentes que os mais significativos, para os participantes dos dois grupos deste estudo, são a falta de informação/formação continuada específica relacionada ao despreparo profissional para lidar com essa situação.

Segundo Martins (2007, p.122) cabe ressaltar que também em nossa pesquisa a informação/formação específica do professor foi o principal fator ressaltado como facilitador do processo de inclusão.

Portanto, fica evidente que para uma melhor prática pedagógica é necessário um professor com todo o conhecimento e informação, formação específica relacionado a inclusão para que possa ser um docente que contribui significativamente a vida do estudante.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A inclusão de estudantes com autismo na rede regular de ensino representou para os docentes uma incapacitação, não se sentiam preparados para lidar com eles, a formação recebida por eles não os instruiu quanto a maneira correta para tratar com esses estudantes, o que gerou uma sensação de não estarem aptos para lidarem com esses estudantes da forma correta. Por isso, faz-se necessário um preparo correto dos professores para que estes possam realizar seu trabalho com mais competência. Para Schmidt, Nunes, Pereira, Oliveira, Nuernberge Kubaski (2016, P.231):

Nesse sentido, o sentimento de impotência, frustração e desamparo dos professores, associado ao medo de lidar com determinados comportamentos do aluno parece indicar um descrédito em suas próprias capacidades para adotar práticas educacionais eficazes.

Percebe-se que um dos fatores que influenciam para dificuldades no desenvolvimento do estudante com TEA é a falta de parceria entre os pais e a escola, os pais frequentemente se mostram desinteressados em relação ao crescimento cognitivo filho, não se empenha em manter uma colaboração com a escola em favor do autista, isso, sem dúvidas, é um fator que acarreta o atraso do desenvolvimento do estudante com autismo.

Uma outra relação de parceria que precisa acontecer é a do mediador com o professor da sala de aula na rede regular de ensino, esta parceria representa muito no desenvolvimento do

estudante porque quando há um diálogo entre esses profissionais o principal beneficiado é o estudante autista, ambos devem colaborar um com o outro, pensando juntos na melhor forma de ajudar no desenvolvimento do estudante, as atividades que podem contribuir melhor para a evolução dele, atividades que podem ser realizadas em grupo e individualmente, isso considerando o nível do espectro do estudante e suas características. Segundo Nunes, Azevedo e Schmidt (2013, p. 561 apud Giardinetto, 2009):

ênfatisa a importância de um modelo colaborativo de trabalho, operacionalizado por agentes da escola comum e especial. Em sua pesquisa, descreve os resultados promissores de quatro alunos com autismo que frequentavam, simultaneamente, a escola regular e especial. Neste trabalho, a autora ressalta a importância do professor auxiliar como mediador no processo de inclusão na educação infantil e fundamental. Constata, ainda, que em séries mais avançadas, a demanda por orientações de profissionais especialistas tende a ser maior do que na educação infantil.

Uma prática que pode influenciar mal na forma como o professor auxilia o estudante com autismo é ele quando leva para a sala de aula todas as suas concepções de tudo que o estudante pode ou não realizar, pode ou não alcançar, quando o professor não abre a sua mente e não mantém esperança no crescimento cognitivo do mesmo, o estudante é subestimado, o docente acaba criando uma barreira que impede a evolução do estudante.

Concluimos que para que o ensino desse estudante com TEA seja de qualidade e significativo é necessário que haja um comprometimento por parte dos profissionais pedagógicos, tanto da sala do AEE quanto da sala de ensino regular, promovendo atividades específicas para os estudantes, atividades essas que devem considerar as características particulares dos estudantes. Mas para que isso ocorra é necessário que os professores recebam toda a formação necessária e que eles tenham todo o embasamento teórico e prático para que possam utilizar no cotidiano na vida do estudante.

É possível notar que se faz necessária uma observação nas características dos estudantes com TEA para que se possa com isso definir o tipo de prática de ensino que será desenvolvida com ele, por exemplo, na pesquisa a maioria das professoras fazem atividades individuais e em grupo. São necessárias as atividades individuais, pois, é através delas que o professor pode entender o nível de escolarização do estudante, as características dele e perceber os pontos fortes, fracos e tenha a percepção do tipo prática pedagógica que pode facilitar o desenvolvimento cognitivo e motor desse estudante. Segundo Schmidt, Nunes, Pereira, Oliveira, Nuernberg e Kubaski (2016 apud Pinto, 2013):

Dentre essas práticas, a mais frequentemente relatada (18,9%) foi aquela em que o professor planeja a atividade de acordo com seu conhecimento prévio sobre as características, gostos ou preferências do aluno. Uma das falas que sintetizam essa



perspectiva é, “ele gosta de robôs, eu separei uma série de robôs, recortei tudinho. Nossa! Ele amou aquilo tudo!”

É necessário que o professor seja paciente e tenha a percepção de que nada acontece repentinamente, é preciso anos para que se perceba uma mudança mais perceptível no comportamento do estudante, e que o docente saiba algumas práticas que podem auxiliar o autista em sala de aula, como sempre repetir comandos, uma vez que o estudante pode ter dificuldades em entender tudo de primeira, estabelecer uma rotina diária, falar olhando nos olhos da criança autista ainda que ela não retribua esse olhar, são alguns pequenos passos realizados com frequência que podem influenciar positivamente no desenvolvimento do estudante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um longo caminho já foi percorrido na área da inclusão de estudantes com TEA, hoje eles têm acesso a rede regular de ensino, varias leis dispõem acerca do ensino que devem receber e isso é notável se consideramos uma época de grandes dificuldades para os estudantes com TEA, em que eles não tinham acesso a uma educação de qualidade, não havia um diagnóstico preciso do transtorno e muitas vezes eram taxados de mal educados, rebeldes e malcriados, além da dificuldades enfrentadas pelos pais. Ficamos felizes em perceber o quanto a sociedade evoluiu no âmbito da educação de autistas.

Contudo, se faz necessário ter a percepção de onde estamos, o que foi alcançado e o que ainda há para fazer pelo bem da educação dos estudantes com autismo no Brasil, os erros que permanecem sendo cometidos, erros esses que atrasam e dificultam o desenvolvimento dos estudantes com TEA e sabemos que para que ocorra uma mudança significativa nesse contexto essas falhas precisam ser faladas e tratadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996

BRASIL. **Resolução nº. 4, de 2 de outubro de 2009**. Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional especializado na Educação Básica, modalidade Educação especial, Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. **Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008.** Dispõe sobre o atendimento educacional especializado. Presidência da República/Casa Civil/Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília. 2008.

BRITO, Elaine Rodrigues de. A inclusão do autista a partir da educação infantil: um estudo de caso em uma pré-escola e em uma escola pública no município de Sinop - Mato Grosso. **Eventos Pedagógicos.** Mato Grosso, v. 6, n. 2, p. 82-91, jun./ jul. 2015.

BARBERINI, Karize Younes. **A escolarização do autista no ensino regular e as práticas pedagógicas.** **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento,** v. 16, n. 1, 2016.

GRANDIN, Temple. **O cérebro autista.** 1º ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

MARTINS, Mara Rubia Rodrigues. **Inclusão de alunos autistas no ensino regular: concepções e práticas pedagógicas de professores regentes.** 2007. p.163. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2007.

MORAIS, Telma Liliana de Campos. **Modelo teacch - intervenção pedagógica em crianças com perturbações do espectro do autismo.** Tese (Mestrado em Educação especial) – Escola Superior de Educação Almeida Garret. Lisboa, p. 182. 2012.

NUNES, Debora Regina de Paula; AZEVEDO, Mariana Queiroz Orrico; SCHMIDT, Carlo. **Inclusão educacional de pessoas com autismo no Brasil: uma revisão da literatura.** Revista Educação Especial, Santa Maria, v. 26, n. 47, p. 557-572, set./dez. 2013.

SCHMIDT, Carlo; NUNES, Débora Regina de Paula; PEREIRA, Débora Mara ; OLIVEIRA, Vivian Fátima de; NUERNBERG, Adriano Henrique; KUBASKI, Cristiane. **Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas.** Revista Psicologia: Teoria e Prática, v. 17, n. 3, p. 222-235, jan./abr. 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico,** São Paulo: Cortez, 2013.